



 Jean-Pierre Cléro



Lacan et la langue anglaise (Lacan e a língua inglesa)

de Jean-Pierre Cléro (Toulouse, Érès, 2017)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Jean-Pierre Cléro é Professor Emérito de Filosofia na Universidade de Rouen e ensinou no Instituto de Estudos Políticos (Sciences-Pô), em Paris. Seus livros mostram que possui uma vasta cultura e um estilo admirável, sem jamais cair no jargão comum da psicanálise. Este autor também publicou *Y a-t-il une philosophie de Lacan?* (Existe uma filosofia de Lacan?) em 2006, *Dictionnaire Lacan* (Dicionário Lacan) em 2008 e *Le vocabulaire de Lacan* (O vocabulário de Lacan), em 2012. Além dos livros sobre o pensamento de Lacan, também publicou sobre filosofia inglesa: *Bentham contre les droits de l'homme* (Bentham contra os direitos humanos) em 2007 (em colaboração com Bertrand Binoche) e um ensaio sobre a psicologia da matemática em 2009.

Cléro é um autor prolífico e rigoroso. Seu atual livro constitui uma espécie de estuário, onde se unem os temas de seus livros anteriores. Dividido em cinco partes, imediatamente após sua introdução "Lacan e a língua inglesa", onde Cléro descarta a tentação do uso desse neologismo, ele ataca uma primeira parte que trata de "Lacan e os filósofos ingleses", onde o autor aponta a adequação ou abrangência das citações de Lacan, mas também revela seu domínio, que também é o seu, a filosofia. A segunda parte, "Alguns elementos da lógica e da linguística", onde vislumbramos algumas das fontes da matemática, entre Lévi-Strauss, Jakobson, Chomsky, Whitehead, Frege e Boole. A terceira parte, "Os escritores ingleses e seus comentaristas"; o quarto sobre "Psicólogos e psicanalistas lêem em



inglês", o quinto sobre "Estudiosos anglófonos citados por razões epistemológicas". Finalmente, encontramos uma "Bibliografia sucinta", extremamente útil, onde é possível entender melhor o percurso efetuado pelo autor durante suas pesquisas e reflexões.

É um trabalho, de todos os pontos de vista, notável, como já assinali, escrito em uma linguagem removida, com um estilo claro e acessível, que revela outro Lacan, cuja vasta cultura se torna acessível graças àquela de Cléro.

Lamentamos, no entanto, alguns preconceitos. Assim Ella Sharpe (e não Scharp!) que é colocada entre os "escritores ingleses e seus comentaristas". Na verdade, ela é uma das melhores especialistas de Shakespeare durante a primeira metade do século. Ela é uma das fundadoras do *Middle Group* e escreveu artigos importantes sobre a técnica analítica, sobre a abordagem psicanalítica da arte, da literatura e da ética. Acima de tudo, é uma das primeiras psicanalistas, se não a primeira, a propor um estudo psicanalítico da metáfora. Evidentemente, seu artigo data de 1940 e ela parece ignorar Saussure, mas na época ainda não é incapacitante. A metodologia de Cléro teria permitido que esses fatores fossem considerados, e até mesmo necessários de serem levados em conta.

Esse problema ocorre também com Edward Glover. Cléro o considera secundariamente, como parte dos autores sem grande importância, no mesmo nível que Thoma Szasz ou Hermann Nunberg, menos importante para Lacan que um Balint, que Winnicott, que Melanie Klein ou Otto Fenichel, que Ernest Jones. Cléro evoca a posição favorável de Lacan em relação a Glover, que saúda seu esforço de situar a perversão "em algum lugar em relação a uma corrente". Glover é um dos autores que Lacan mais cita. Ele é seu principal interlocutor em relação às perversões. Lacan evoca particularmente sua abordagem lírica à figura da nosologia e, literalmente, cita a passagem onde seu estilo atrai a atenção - Glover caracteriza a perversão como "um mundo exterior que representa a combinação de um açougue e de um banheiro público, (em outras palavras, um mictório ou algo ainda mais elaborado) sob um bombardeio, e uma sala de pós-morte, um necrotério." Na época, esse psicanalista assumiu outra importância: primeiro, Lacan saudou o caráter poético de sua descrição da perversão, mas, mais fundamentalmente, era vice-presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, o que correspondia, naquela época, a um dos principais dignitários da Associação Psicanalítica Internacional; em seguida, Glover parece estar situado em seu uso da linguagem psicanalítica inglesa numa posição similar à de Lacan em seu uso da linguagem psicanalítica francesa, na medida em que não ocupavam o lugar de uma linguagem comum, cotidiana, literária no mesmo sentido que Freud, mais situado



numa camada do alemão inspirado em ricas tradições literárias, talvez, mas também complexas, Laurence Sterne possivelmente para Glover, Stéphane Mallarmé ou Luiz da Gongora para Lacan.

Acho lamentável que o autor não tenha seguido sua metáfora de *lalange* porque o único problema real seria o de sua definição. Na minha opinião, o chamado de Freud para o tópico seria aqui enriquecedor. *Lalangue* seria aquela do sonho desapontado, entre o imaginário e o simbólico. Que Lacan sonhava em inglês e com a psicanálise inglesa e que estivesse ligado ao aparato da Associação Internacional, me parece evidente. *Lalangue* inglesa corresponderia a um ideal de Lacan, rejeitado e ainda mais estimado. Tudo o que Lacan pode dizer sobre a língua inglesa e sua relação com a psicanálise sempre entra em conflito com esse estado de coisas: são as últimas que não reconhecem em Lacan a qualidade de psicanalista ou, pelo menos, quem não o reconhece como sendo um deles. A partir daí, tudo se presta mais claramente à transferência.

A introdução de *Lacan e a língua inglesa* é rica em reflexões sobre o sujeito das relações de Lacan para a língua. Tanto quanto aquela de James Joyce, *lalangue* de Lacan seria uma mistura, uma espécie de *franglaisallemand* (franglêsaalemão), talvez? Que teria contribuído a dar ao seu francês um tom particular.

Encontramos aqui algo notável. Poucos são os filósofos que, em sua reflexão sobre a psicanálise, deixam espaço para a noção de transferência. Menciono, rapidamente, o artigo de Manuel de Dieguez, *Freud e a filosofia* e o de Bernard Lemaigre, *Filosofia e Psicanálise*, que colocam a transferência como contribuição essencial da psicanálise ao seu domínio. Acredito que me lembro de estar chocado com o fato de que a palavra "transferência" não aparece no *A interpretação* de Paul Ricœur, mais do que ele não aparece no *Índice Temático* de Freud, *Filosofia e filósofos* de Paul-Laurent Assoun, embora seja possível sustentar talvez que, ausente, ele irriga seu trabalho. Esta palavra não aparece no livro de Cléro. Curioso? Esta é a regra entre os filósofos.

Este autor o substitui por uma reflexão sobre a citação. Poucos lugares além da citação envolvem a transferência neste momento. Em seu livro *Palimpsestes*, Gerard Genette teorizou como "transtextualidade", muito antes da transexualidade estar na moda, Antoinette Compagnon legendou "O trabalho da citação", seu livro *A segunda mão*. Cléro provavelmente os conhece, mas não os mobilizou para estudar Lacan e o que fez com suas citações, que abrangem uma rica variação dessa figura de estilo no pensamento francês do século XX. Cléro evoca seu conhecimento mencionando alguns dos principais usos da citação de Lacan. Assim, ele sabe que não é porque ele não cita mais de um autor que ele é menos ou mais importante



para Lacan. Ele menciona Glover menos que Melanie Klein, a quem ele sempre cita, em vinte e dois de seus vinte e quatro seminários, muitas vezes se apropriando de seu inglês. E quando Lacan se afasta de Melanie Klein, é para ir à fundo de Klein, o que nos permite dizer que, tanto quanto a transicionalidade de Winnicott, o objeto é acima de tudo um klein "a". O que Lacan deve a Winnicott, parece-me, é o mesmo título que Winnicott está em dívida com Melanie Klein, inclusive para se destacar.

Como podemos esquecer a importância de James Strachey? Ele é o responsável pela *Edição Standard* que publicou entre 1943 e 1974, ao passo que os *Seminários* de Lacan se estendem de 1953 a 1977, de tal maneira que surge uma certa superposição entre a publicação dos volumes da *Standard* e dos *Seminários*, que funcionam como ponto e contraponto. No ano em que Strachey publica seu volume contendo o artigo sobre Schreber, Lacan dá seu seminário sobre *Les Psychoses*, por exemplo.

Cléro ressalta que a psicanálise não é mais da língua alemã do que da inglesa na sua origem, começando com Freud, que sonha com sua família inglesa e cujos pacientes apresentam o inglês como um sintoma, daí a inabilidade das tentativas de melhor cercar Freud apenas através do alemão, em vez de pensar em uma multiplicidade de línguas.

Lacan e a língua inglesa ainda se destaca em estabelecer relações entre a filosofia e a língua inglesa no pensamento de Lacan, ou na articulação entre a literatura inglesa e o avanço do pensamento lacaniano, começando com Shakespeare, é claro, mas continuando por Edgar Allan Poe e Lewis Carroll, a quem Lacan reservou lugares separados, sem dizer nada sobre James Joyce. Esse desservir de Lacan, parece-me que não é mais do que não enfrentar seus desafios e não questioná-lo. Cléro o faz, sem medo de fixar suas falhas, não para acusá-lo, mas para mostrar onde o inconsciente brota e onde sua criatividade se desenvolve. Essa é uma das condições do avanço da psicanálise.

Entre as comparações, também emergem análises mais ou menos extensas sobre o sujeito do que seria específico da língua inglesa e o que caracterizaria o francês ou o alemão. Cléro segue adiante sem nenhuma outra prova além de sua criatividade, de sua imaginação, de sua capacidade de analisar também, revelando-se assim um dos aspectos essenciais da prática analítica: a criatividade do psicanalista. O que este livro deve encorajar todo mundo a lê-lo.

Talvez eu possa dizer uma palavra sobre minha transferência? Provavelmente, enquanto estava escrevendo, amigos me convidaram para ensinar sobre a introdução do pensamento de Lacan a jovens analistas australianos. Estas foram palestras sobre o relatório de Lacan para a psicanálise em língua inglesa.



Como a de Freud ou Melanie Klein, a psicanálise de Lacan é uma fonte de escoamento entre línguas e autores, em vez de seguir um rio calmo. Isto parece-me ser o ponto de convergência entre as nossas abordagens, entre aquelas do autor e as minhas.